

A prática como maior estímulo à teimosia e ao lúdico do teatro de bonecos em Pernambuco

Leidson Ferraz

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Recife/PE)



Algodão doce (2011), trecho da cena *O Negrinho do Pastoreio*. Cia. Mão Molenga Teatro de Bonecos. Direção de Marcondes Lima. Foto de Carla Denise.



As aventuras de Benedito no País de Caruaru (2015). Direção de Sebastião Alves.
Foto de Marcelo Ferreira.



As aventuras de Benedito no País de Caruaru (2015). Direção de Sebastião Alves.
Foto de Rodrigo Silva Santos.

Resumo: O artigo propõe um passeio pela trajetória de alguns dos mais atuantes artistas e grupos ligados ao teatro de bonecos em Pernambuco, revelando a ligação que mantém entre teoria e prática e apostas na dramaturgia do que levam à cena com atenção voltada à criança. A ideia é contribuir com o registro da história do teatro pernambucano pelo que de mais recente vem sendo feito no segmento do teatro de animação.

Palavras-chave: Teatro de Bonecos. Teatro de Animação. Teoria e Prática. História do Teatro em Pernambuco.

Abstract: The article proposes a tour in the trajectory of some of the most active Puppet Theater artists and groups in Pernambuco, revealing the connection they maintain between theory and practice and possibilities of dramaturgy they stage directed to children. The idea is to contribute with the record of all that has been done recently in Puppet Theatre in Pernambuco.

Keywords: Puppet Theater. Theory and practice. History of Theater in Pernambuco.

Partindo do ano de 2017 como recorte histórico, a trajetória de alguns dos mais atuantes artistas e grupos do teatro de bonecos em Pernambuco me fez escrever este artigo, tendo como norte a relação que eles mantêm com o espectador criança, mesmo que todos queiram dialogar com pessoas de todas as idades na sua produção cênica. Apesar das inúmeras dificuldades de formação, reciclagem e produção, o teatro de animação¹ em Pernambuco permanece ativo. Inconteste é que os bonecos, quase sempre na representação antropomórfica, continuam dominando nossos palcos. Ainda assim, o Recife tem recebido variadas companhias do teatro de animação com propostas as mais diferentes e ousadas², graças principalmente a iniciativas de projetos de difusão de espetáculos como os da Caixa Cultural Recife e o Palco Giratório, do SESC, além dos festivais SESI Bonecos do Brasil e do Mundo

¹ O teatro de animação ou teatro de formas animadas é entendido aqui como esta arte que, quase sempre sem restrição de faixa etária, dá *anima* a máscaras, bonecos, sombras e/ou objetos em mediação com o ator-animador. E na passagem do inanimado para o animado através do movimento que se dá pela manipulação coordenada pelo ator, uma outra forma de existência manifesta a ilusão de vida, como nos lembra Ana Maria Amaral: “A energia que se desprende da matéria cria uma força que a transcende. A tudo isto chamamos: Vida. Quando a energia cessa, ‘aparentemente’, acontece a imobilidade. E o corpo assim ‘imóvel’ suscita outra realidade. Ao cessar total da energia, chamamos: Morte. [...] Está implícito aí o mistério: Vida e Morte. Por isso, se diz que no teatro de animação existe magia, pois magia surge quando acontece a ligação entre duas realidades opostas” (AMARAL, 2005, p. 17).

² O uso de objetos, sombras, máscaras, fios e parte dos corpos dos intérpretes no teatro de animação ainda é tímido na produção cênica de Pernambuco. No entanto, vale registrar que, neste ano de 2017, dois espetáculos para o público adulto foram apresentados: *Sala de jantar*, da Métron Produções, texto e direção de Ruy Aguiar, do Recife, com utilização de atores, objetos e técnicas de luz negra e ilusionismo para mostrar a chegada de dois vigaristas num estranho e antigo casarão; e *O mascate, a pé rapada e os forasteiros*, da Cia. de Artes Cênicas Com Objetos, texto de Diógenes D. Lima, do município do Paulista, com supervisão artística de Marcondes Lima e Jaime Santos, e o próprio dramaturgo-ator manipulando objetos do cotidiano para contar, de maneira devassa, a história do Recife e Olinda. Em agosto de 2017, a mesma companhia prometeu estrear *Shakesfood – tragédias à la carte*, comédia gastronômica ambientada em uma cozinha.

e FITO (Festival de Teatro de Objetos)³.

Com o seu Teatro Oficina Mamusebá encravado no centro da cidade de Caruaru, o mamulengueiro Mestre Sebá (Sebastião Alves) é, hoje, um dos artistas pernambucanos mais atuantes neste segmento. Natural de Sertânia, mas há anos radicado na “capital do Agreste pernambucano”, foi com o teatro de atores, graças a uma cena com tenda no espetáculo *A noite dos tambores silenciosos*, do Grupo Feira de Teatro Popular, que ele descobriu a arte de manipular bonecos. Apaixonou-se tanto pelo mamulengo que, em 1985, criou o Teatro Mamusebá, reunindo personagens divertidos como Benedito, Tenente Zeca Galo ou Filomena. Chegou ao ponto de, entre 2009 e 2014, transformar um trecho de sua própria casa no Teatro Garagem Mamusebá, onde fazia sessões mensais dominicais, cobrando 1 kg de alimento não perecível e recebendo crianças de baixa renda. Toda a arrecadação era doada a uma igreja da comunidade. O desejo é que o espaço se torne um Ponto de Cultura futuramente.

Desde 2013, com novo palco na estação ferroviária da cidade, o Teatro Oficina Mamusebá, graças a uma parceria com a Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, mantém uma exposição permanente de fotos, bonecos mecanizados na forma popular da

³ Ainda neste ano de 2017, de maio a junho, as cidades do Recife, Olinda e Igarassu puderam receber a VI Mostra Pernambucana de Teatro de Bonecos, aberta também a outros subgêneros do teatro de animação, mas com pouquíssimas atrações neste sentido. Após seis anos de tentativas de aprovação do projeto pelo presidente Jorge Costa, finalmente a APTB (Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos) pôde realizá-la, graças ao patrocínio cultural do BNB, através da Lei Rouanet. Reunindo 32 diferentes espetáculos, além de oficinas, exposição, lançamento de livro, publicação do informativo *O Tiridá* e debates – um deles sobre o registro e salvaguarda do Mamulengo como Patrimônio Cultural do Brasil –, o evento pôde traçar um amplo panorama de quem se dedica à arte da bonecaria, incluindo mamulengueiros do interior do Estado. Grupo Pipoquinha, Teatro Boncartes, Theatro de Bonecos Quero Mais, Q-Riso Teatro de Bonecos e o Teatro de Bonecos Lobatinho estavam entre as atrações voltadas para a infância na programação. As novas edições do SESI Bonecos do Brasil e do Mundo e FITO (Festival de Teatro de Objetos), ambos idealizados e dirigidos pela pernambucana Lina Rosa Vieira, devem acontecer no Recife respectivamente ainda em 2017 e 2018.

casa de farinha, oficinas com perna-de-pau, malabares, diabolô, monociclo, grafite e confecção e manipulação de bonecos, além de récitas frequentes de mamulengo. Todo domingo, exceto nos feriados, Sebá promove sessão à tarde para a meninada e, durante as festas populares, especialmente no período junino, ainda realiza apresentações à noite. O espaço, que congrega dez profissionais, é mantido graças ao incentivo da Prefeitura Municipal de Caruaru. O artista, inclusive, já recebeu a Medalha Honra ao Mérito Cultural, da Câmara Municipal, pela dedicação à cultura popular.



Sebastião Alves, o Mestre Sebá, com personagens do espetáculo *As aventuras de Benedito no País de Caruaru*. (2015). Foto: Acervo do Teatro Oficina Mamusebá.

As aventuras de Benedito no País de Caruaru é o espetáculo que ele oferece há anos para pessoas de todas as idades, “[...] contando a história de nossa cidade, ao calor das manifestações, pois o texto acontece ao sabor das circunstâncias, de acordo com o momento, nada permanente”, esclarece⁴. Assumidamente autodidata e um eterno aprendiz, Sebá costuma dizer que suas teorias estão na prática do dia a dia⁵. “Faço quase tudo porque ainda não sei de nada”, brinca. Sobre o título de Mestre, é enfático: “Mestre é você praticar diariamente a arte que escolheu para o seu papel no mundo”. Para ele, não existe público mais verdadeiro que a criança, por isso tanta dedicação sua como brincante.

Também reconhecida como Mestra por muitos, a bonequeira Maria Oliveira é outra que aposta na simplicidade: “Eu sou uma folgazã, mas acredito que ser chamada de Mestra significa que tenho algo para trazer aos outros. Isto não foi uma escolha, se impôs para mim e continuo fazendo”⁶. Sonhando em ser pintora desde pequena, ela percebia que tinha o poder de criar com as mãos, mas somente depois de reconhecida como atriz e apresentadora de TV foi convidada por Fernando Augusto Gonçalves para participar de um projeto arrojado com o Mamulengo Só-Riso, de Olinda, referência internacional no teatro de bonecos. A proposta voltava-se à educação popular por comunidades. Foi ali que conheceu não só a arte do boneco, mas também o grande amor de sua vida, Nilson de Moura, um dos fundadores do grupo. “Ele começou a ministrar oficinas, e minha vontade era muito grande de aprender. Tanto,

⁴ Entrevista concedida ao autor, por e-mail, no dia 28 de junho de 2017.

⁵ Esta reflexão vem bem a calhar: “A formação do bonequeiro brasileiro acontece, em sua maioria, de forma empírica. Muitas vezes a partir de estímulos que se criam no contato palco e plateia, ou através de um trabalho autodidata com experimentações pessoais onde prevalece a lei da tentativa e erro” (AMARAL, 2007, p. 72). Como complemento: “O mamulengo é um fenômeno vivo, dinâmico, em constante processo de mutação, de transformação. Sendo de natureza dramática, possui possibilidades consideravelmente mais amplas de incorporar os fatos culturais do cotidiano [...]” (SANTOS, 1979, p. 34).

⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 28 de maio de 2017, no Teatro Hermilo Borba Filho (Recife/PE).

que já fui modelando. Nilson me estimulava bastante. Tudo era lúdico para a gente”, lembra.



Festaça (1999). Mamulengo Só-Riso. Direção de Fernando Augusto Gonçalves Santos e Nilson de Moura. Foto de Fernando Augusto Gonçalves Santos.

Algum tempo depois, Maria Oliveira desligou-se da equipe, mas deixou a bonecaria tomar conta do seu rumo. Junto a Nilson de Moura, que continuou à frente do Só-Riso, lançou o Mamulengo Inventa Coisa, promovendo espetáculos para crianças e adultos. “Criei bonecos articulados com auxílio de Manuel Carlos, que me ensinou bastante. Sílvio Botelho foi outro que me orientou em conversas e me desafiou a construir bonecos gigantes. Na verdade, fui praticando e descobrindo em mim esta habilidade de artesã. Como Nilson era muito mais um inventor, ele pensava nas histórias, e eu ia fazendo os bonecos”, comenta. A experiência de arte-educadora no Hospital Ulysses Pernambucano, que atende pacientes com transtornos mentais, também foi enriquecedora para ela.

“Vivo com a cabeça cheia, lendo textos, projetando bonecos, sempre promovendo oficinas e pagando minhas contas deste jeito.” Deixando que o inusitado aconteça, como ela gosta de afirmar, o material reciclável foi parar em suas mãos inquietas e de lá não saiu mais. “Cada artista tem o seu limite, pois a gente não domina tudo. Hoje, trabalho com papel machê e objetos recicláveis.” Há anos dedicada a promover oficinas, foi numa delas que ganhou dos alunos o incentivo para escrever o seu primeiro texto voltado ao teatro de animação: *Cantigas e estórias na Terra do Sabiá ou O que é meu é meu e o boi não lambe*, vencedor na categoria Teatro de Formas Animadas do 1º Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia, divulgado pela Fundarpe e Secretaria de Cultura de Pernambuco em 2016.

Graças ao edital do Funcultura (Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco), a obra pôde ser montada pela Companhia Mamulengos e Catrevagens, com Maria Oliveira à frente de uma nova equipe a reunir artistas com larga e até pouca experiência no segmento. “A construção de bonecos foi me incentivando a preparar



Festança (1999). Mamulengo Só-Riso. Direção de Fernando Augusto Gonçalves Santos e Nilson de Moura. Foto de Fernando Augusto Gonçalves Santos.

a trama. Já circulamos por vários teatros do Recife e até criei um novo texto. Espero ganhar outro edital”, vibra entusiasmada. Sobre o contato com a teoria, Maria Oliveira é clara: “Tenho ficado mais na prática. No entanto, me dedico a ler dramaturgia. O problema é que não domino outra língua. Minha salvação é a Revista *Móin-Móin*. Entendo que é preciso teorizar também para entendermos o que a gente vem fazendo, mas não vivo ‘verborrajando’ teoria”.

Em *Cantigas e histórias na Terra do Sabiá ou O que é meu é meu e o boi não lambe*, texto voltado à infância, bonecos de luva e de vara abordam questões ambientais e o uso das tecnologias emergentes que permeiam as relações humanas, “dizendo não à cultura engessada e padronizada que nos é imposta”, complementa a bonequeira autora. Sobre o caráter educativo da sua proposta, Maria Oliveira pondera: “Todo teatro é educativo. O que você diz, o que faz, sua postura diante das coisas, sempre se está educando. Este é um teatro de passagem, mas pode grudar para sempre como uma lembrancinha que ficou guardada. Por isso, eu trabalho na perspectiva da memória, da inventividade, despertando ideias”.

Outro artista que aprendeu na prática, inclusive a sua descoberta como artesão com variadas possibilidades, é o paraibano radicado no Recife Sebastião Simão Filho, bonequeiro, ator, dramaturgo e diretor da Cia. Máscaras de Teatro, fundada no ano 2000 na cidade de Petrolina, no interior pernambucano, e desde 2003 com atividades transferidas para o Recife. Depois de animar festas como palhaço e adquirir experiência no teatro adulto e para a infância, ele pôde participar de uma oficina de confecção de bonecos com o paraibano Paulo de Tarso, mais conhecido como Paulo Mamulengo, ventríloquo, bonequeiro e repentista, radicado há anos em Manaus. A partir daí, nunca mais parou de se dedicar ao gênero.

“Tudo o que foi aparecendo, eu ‘devorei’ porque sempre fui um investigador. Continuo esse leitor voraz, de ir misturando influências, mas nunca tive metodologia de estudo. É como se a princípio a gente não escolhesse o que vai fazer. Por isso, eu acredito que a prática leva ao conhecimento, e não o contrário. Pois, comigo, a



Sebastião Simão Filho em *Mistério das Figuras de Barro* (2013). Cia. Máscaras de Teatro. Direção de Sebastião Simão Filho. Foto de Marcelo Ferreira.

teoria vem depois”⁷, confessa. Experimentando-se sempre e assumindo quase todas as funções nos seus espetáculos de bonecos – de dramaturgo a intérprete-manipulador e artesão –, Sebastião Simão Filho já conseguiu concretizar várias obras voltadas à infância, com destaque para *Fabulário* (seu maior sucesso, apresentado desde 1999, antes mesmo de lançar a Cia. Máscaras de Teatro), *A revolta das chupetas* (2008) e *Perna de pinto, perna de pato* (2009), todas em tenda e até hoje no repertório.

De outros escritores constam, *O boi e o burro no caminho de Belém* (2007), de Maria Clara Machado, *Valentim e o boizinho de São João* (2011), de Ricardo Araújo, e, com foco nos adultos, *Mistério das figuras de barro* (2013), texto que problematiza o papel do artista no mundo a partir de uma fábula que envolve um ceramista e a religiosidade popular. O autor Osman Lins já indica que um único ator utilize a manipulação de bonecos no desenrolar da trama.

⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 27 de maio de 2017, no Teatro Hermilo Borba Filho (Recife/PE).

“Estreei o espetáculo como trio, mas desde 2016 atuo e manipulo sozinho, inclusive os dispositivos de luz e instrumentos sonoros. Neste processo, percebi que não consigo mais diferenciar o teatro de bonecos do teatro de atores em termos de preparação técnica. A mesma sinuosidade, o refinamento gestual que eu cobro cada vez mais de um ator, eu exijo também do boneco. Dizem até que eu torno as coisas mais difíceis”, reflete, revelando ainda que um dos entraves de sua trajetória é manter a constância de um elenco.

Sem medo de voltar à sala de ensaio e refazer tudo, incluindo a transformação dos títeres em busca da qualidade artesanal, Sebastião Simão Filho vem mantendo espetáculos por longos anos, a maioria solos. “Estou vivendo uma fase em que a página já foi virada e eu não consegui virar, ou seja, preciso produzir novos espetáculos para investigar o que hoje eu sei fazer com bonecos.”⁸ Consciente de que sua produção cênica quase sempre nasce de “crises”, o seu próximo projeto para crianças, com estreia prevista ainda para 2017, vai ser uma orquestrada “bagunça” sobre as desventuras de uma árvore localizada numa floresta prestes a ser destruída. “Pretendo fazer

⁸ A investigação dos bonequeiros pernambucanos acontece, quase sempre, como “pesquisa em arte”, aquela que “[...] dá ênfase ao processo de criação do artista, orientando sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho, assim como a partir das questões teóricas e poéticas suscitadas pela sua prática” (BELTRAME; MORETTI, 2016, p. 11). Fruto de experimentações direcionadas a alguma montagem teatral, é assim que estes artistas têm sistematizado seus trabalhos processuais, inclusive na produção artesanal, já que muitos têm habilidade para isso. Uma das formas de divulgar o resultado de suas investigações tem sido a publicação de livros, como fez o Mão Molenga Teatro de Bonecos com *Babau* (2012) e *Algodão doce para teatro* (2015). As obras, financiadas pelo Funcultura, além do registro da dramaturgia levada à cena, trazem detalhes do processo, imagens e curiosidades sobre a relação que a equipe mantém ao dar vida a bonecos. Vale registrar ainda que a Universidade Federal de Pernambuco, pela Coleção Novos Talentos, lançou o livro *Máscaras, bonecos, objetos: reflexões de aprendizes sobre o teatro de animação* (2013), como fruto da disciplina *Técnicas de Teatro I*, ministrada pela professora, pesquisadora e bonequeira Izabel Conessa com alunos do 5º período do Curso de Licenciatura em Teatro, única opção acadêmica que Pernambuco possui na área. Mas a iniciativa de abordar o teatro de animação é da própria professora, e não que o curso seja voltado especificamente a esta linguagem.

algo parecido com o que consegui em *Perna de pinto, perna de pato*, o espetáculo mais caótico que eu tenho, que mistura Papai Noel, Mula-Sem-Cabeça com fogo de verdade, Boitatá, Bruxa, Saci, disco espacial, uma história sem pé nem cabeça. Projetar outra divertida bagunça em cena, com árvore se transformando numa grande serpente, helicóptero sobrevoando, é o que me interessa”, diz, ciente de que a narrativa na qual tudo é possível é o melhor a oferecer a meninos e meninas.



Algodão doce (2011), trecho da cena *O Negrinho do Pastoreio*. Cia. Mão Molenga Teatro de Bonecos. Direção de Marcondes Lima. Foto de Carla Denise.

Como grupo, o Mão Molenga Teatro de Bonecos tem sido uma das grandes referências de qualidade para adultos e crianças que apreciam o teatro de animação no Recife. Surgido em 1986, a partir da reunião de quatro amigos que se conheceram na universidade – Fábio Caio, Marcondes Lima, Carla Denise e Fátima Caio⁹ –, a equipe já completou 31 anos de trajetória e, neste ano de 2017,

⁹ Os quatro integrantes participaram de uma entrevista concedida ao autor no dia 15 de junho de 2017, no Teatro Marco Camarotti (Recife/PE).

comemora o feito com uma série de atividades. A exposição *Mão Molenga – cenas de uma história* esteve em cartaz de maio a julho, no SESC Santo Amaro, dando destaque à série de vídeos *500 Anos: um novo mundo na TV*, exibida entre 1998 e 2003 na TV Escola, com trinta episódios e mais de 800 personagens criados para reviver a história do Brasil do período colonial até a República.

Além da exposição de bonecos, croquis do processo de sua construção, figurinos, recortes de jornal, fotos e imagens em vídeo, a trupe recifense ainda vem programando oficinas, rodas de conversa e apresentação dos espetáculos *Babau ou A vida desembestada do homem que tentou engabelar a morte* (2006), *O fio mágico* (2008) e *Algodão doce* (2011), seus mais recentes sucessos.

“O teatro de animação permite uma fusão entre o real e o imaginário, fazendo com que a fantasia e o pensamento criativo estabeleçam uma ponte direta com fatos concretos que ainda marcam a vida atual. O envolvimento entre espectadores e personagens é potencializado por bonecos e formas animadas que são capazes de transformar a representação numa experiência rica em vivências emocionais, de potencializar o prazer estético”, diz a jornalista Carla Denise, quase sempre à frente das dramaturgias propostas.

De formações diversas – uma comunicadora, dois arte-educadores e uma psicóloga –, os integrantes do Mão Molenga Teatro de Bonecos vieram do teatro tradicional como atores antes de assumirem a bonecaria como parceiros certos. “Fazíamos parte do Grupo Cara Pintada, liderado pelo diretor Manoel Constantino, mas como sempre fui muito ligado com a produção artesanal desde criança – modelar, pintar, desenhar e costurar eram os meus brinquedos preferidos –, me vi fascinado pelo processo de fazer boneco e propus nos aventarmos por esta linguagem”, lembra o ator, palhaço e artesão Fábio Caio, cuja decisão de ser bonequeiro nasceu quando viu a propaganda de um curso com o professor João Denys na Fundação Cecosne (Centro de Educação Comunitária e Social do Nordeste). Depois deste estímulo, o quarteto decidiu que poderia comercializar uma parte de sua arte e se lançou às festas de aniversário com a tenda

de bonecos, além de apresentações fechadas para escolas e eventos. “Precisávamos sobreviver e sabíamos que esse mercado com foco na criança existia”, diz Fábio Caio, ressaltando que, assim, conseguiu se manter financeiramente por um bom tempo.

No entanto, não faltaram os experimentos com bonecos para o público adulto no bar De Vento em Popa, administrado pelo próprio Fábio Caio no bairro da Madalena, reduto de uma turma “descolada” na cidade do Recife. Performances e brincadeiras para a criançada também aconteciam quando o bar funcionava à tarde. Em 1987, surgiu a possibilidade de entrarem em cartaz com o espetáculo *O retábulo da barafunda* na Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães (atual Mamam – Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães), trazendo à cena as diabruras de uma bruxa azul que sonha em ser atriz e toma um teatro para si, causando confusão na programação da casa de espetáculos.

“O curioso é que, de todo o nosso repertório, apenas dois espetáculos são realmente para uma faixa etária abaixo dos quatro anos: *A cartola encantada*, de 1991, e *Era uma vez*, de 1993, ambos remontados desde 2004. Como a maioria de nossas peças traz muitas camadas de significado, acredito que atingimos pessoas de todas as idades, até mesmo porque costumamos apostar em temas que aparentemente não são específicos para crianças, e alguns artistas até fogem destas temáticas, como a ideia de tempo, morte, opressão, escolhas. O importante é não deixar ninguém se sentir infantilizado”, ressalta Carla Denise. Fábio Caio complementa que este desafio vem desde o contexto de dispersão das festas de aniversário. “Era um trabalho para crianças, mas muitas estavam acompanhadas de um adulto. Esta premissa foi uma grande escola para nós”, lembra.

Algodão doce, o mais recente espetáculo deles, por exemplo, com argumento e roteiro de Carla Denise e Marcondes Lima, e encenação deste último, apostou em abordar, com muito bom humor, o doce-amargo da cultura do açúcar, seu imaginário e contradições, desde a chegada da cana ao Brasil. São três histórias de

assombração (*Comadre Fulozinha, As desventuras de Ioiozinho e O negrinho do pastoreio*) entremeadas por canções originais e danças típicas da Zona da Mata pernambucana. Bonecos gigantes ou não, de vara, de luva e manipulação direta permeiam o espetáculo com os atores-manipuladores também na função de personagens-narradores, que, para suavizar o enredo e lembrar da fantasia, por vezes o expõem como essencialmente teatral numa quebra da “ilusão” de que os bonecos adquirem vida de forma sobrenatural:

Com a leveza trazida pelas quebras, o tema pode ser falado com toda a sua força para as crianças de qualquer idade. Escravidão, tortura, exploração, todos esses temas são abordados sem abrandamento sobre o que de fato aconteceu em nossa história. Cabe à quebra proporcionada pelo ator-manipulador a suavização das cenas, que poderiam tornar-se demasiado pesadas e soturnas. A constante negação da ilusão frente ao espectador e posterior retomada a partir de uma manipulação primorosa dos bonecos permite ao espetáculo representar com grande valia uma prática tão cara à contemporaneidade: a mistura de linguagens e a quebra de regras (MARQUES, 2013, p. 35).

“Todos os elementos da narrativa são postos para jogar luz à memória, incorporar heranças, mostrar as origens de nossos costumes e tradições, avivar nosso senso crítico e o juízo sobre nossa história”, diz Carla Denise, que reafirma não descuidar do desenvolvimento cognitivo atribuído às faixas etárias. “Quando vamos fazer um trabalho, não deixamos de pensar nisso: como ser melhor compreendido por cada espectador. Agora, sempre existe a possibilidade de deixar algo em aberto – como, por exemplo, as feições não muito definidas dos nossos bonecos tanto em *Algodão doce* quanto em *O fio mágico* – para que a imaginação do público complete, independente da idade. Aí está uma certa liberdade que a gente estende também às nossas plateias”, garante.

Se o colorido, a música e a presença de personagens animais marcaram a produção inicial do Mão Molenga Teatro de Bonecos, os humanos vêm ganhando cada vez mais espaço nos enredos re-

centes. O desafio agora é outro. “A linguagem dos surdos tem nos interessado. Queremos suprimir a presença tão intensa da palavra falada até pela possibilidade de trabalharmos com uma dramaturgia mais aberta ao poético, como construção visual mesmo”, esclarece Marcondes Lima, atento ainda para os perigos de inserção de um conteúdo pedagógico que a palavra pode favorecer. “Os que vão por essa prerrogativa têm a pretensão de serem informativos também e aí escorregam feio”, alerta Carla Denise. “A ideia é promover uma experiência, esse jogo que traz a educação para a vida no sentido mais amplo, lembrando que a gente pensa no público como pessoas, e não se é criança, jovem ou adulto”, finaliza ela, certa de que o melhor é não impor limites à imaginação.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Maria. O inverso das coisas. In *Móin-Móin – Revista de estudos sobre teatro de formas animadas*, ano 1, v. 1. Jaraguá do Sul: SCAR/Udesc, 2005.
- _____. *Teatro de Animação: da teoria à prática*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- BELTRAME, Valmor Níni; MORETTI, Gilmar Antonio. A pesquisa no teatro de formas animadas: à guisa de apresentação. In *Móin-Móin – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*, ano 12, v. 16. Jaraguá do Sul: SCAR/Udesc, 2016.
- DENISE, Carla. *Algodão doce para teatro*. Recife: Cubzac, 2015.
- DENISE, Carla. *Babau*. Recife: Cubzac, 2012.
- MARQUES, Milena (org.). *Máscaras, bonecos, objetos: reflexões de aprendizes sobre o teatro de animação*. Coleção Novos Talentos. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulengo: um povo em forma de bonecos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.